

A HISTÓRIA ENSINADA: NARRATIVAS DE PROFESSORES E ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL- PALMAS/ TOCANTINS

LA HISTORIA ENSEÑADA: NARRATIVAS DE PROFESORES Y ALUMNOS DE EDUCACIÓN FUNDAMENTAL-PALMAS/ TOCANTINS

Maria de Lourdes Leoncio Macedo 1
Jocyléia Santana dos Santos 2

Resumo: O estudo é um recorte da dissertação de mestrado defendida na Universidade Federal do Tocantins (UFT), em 2018. A investigação apresentada em forma de artigo teve por objetivo geral discutir o ensino de história praticado em quatro escolas da rede estadual de ensino do Tocantins. Dentro do método da história oral temática, a pesquisa qualitativa, é de natureza aplicada e, do ponto de vista dos objetivos, é exploratória, com revisão de literatura, análise documental e de campo. A pesquisa passou pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFT sob nº 2.442484. Conclui-se que os professores pesquisados utilizavam de metodologias inovadoras no ensino de história. Dentre os estudantes pesquisados afirmaram gostar e valorar a disciplina de história, bem como, o papel do professor na condução das discussões e orientações pedagógicas. Professores e estudantes afirmam que as escolas precisam de melhorias estruturais, e de formação continuada de professores, respectivamente.

Palavras-chave: Ensino de História. História Ensinada. História Oral.

Resumen: El estudio es un extracto de la tesis de maestría defendida en la Universidad Federal de Tocantins (UFT), en 2018. La investigación presentada en forma de artículo tenía el objetivo general de discutir la enseñanza de la historia practicada en cuatro escuelas en la red de enseñanza del estado de lo Tocantins. Dentro del método de historia oral temática, la investigación cualitativa se aplica en la naturaleza y, desde el punto de vista de los objetivos, es exploratoria, con revisión de literatura, documental y análisis de campo. La investigación fue realizada por el Comité de Ética de Investigación de UFT bajo el nº 2.442484. Se concluyó que los maestros encuestados utilizaron metodologías innovadoras en la enseñanza de la historia. Entre los estudiantes encuestados, declararon que les gusta y valoran la disciplina de la historia, así como el papel del maestro en la conducción de debates y orientaciones pedagógicas. Los maestros y los estudiantes dicen que las escuelas necesitan mejoras estructurales y capacitación continua de maestros, respectivamente.

Palabras clave: enseñanza de la historia; Historia enseñada; Historia oral.

Mestre em Educação (UFT). Professora da rede estadual de ensino do Tocantins (SEDUC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5911808734574093>.
ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-2352-0116>.
E-mail: malutocantins@gmail.com | 1

Doutora em História (UFPE). Professora do Mestrado em Educação (UFT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8198025782417839>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2335-121X>. E-mail: jocyleiasantana@gmail.com | 2

Introdução

A história é, sem dúvida, o conteúdo mais instigante e motivador que um homem pode desejar conhecer. Quem não tem uma história de vida, uma história de existência, uma história de família, a história de uma comunidade, de uma tribo, de uma cidade ou de um país, que retrata uma sociedade. A história mostra os caminhos delineados por aqueles que vieram antes, e, de certa forma, aponta como será o futuro, a história é dotada de este poder.

Destacando o poder contido na História, e na busca por resultados efetivos no processo de ensino e aprendizagem na disciplina de história, bem como, perceber os “olhares” de autores, professores e estudantes para esta temática, trazemos a proposta da pesquisa no ensino de história. O estudo, além de oportunizar a produção acadêmica no mestrado em educação, responde direta e indiretamente, anseios, desejos, angústias e alegrias da prática de ensino na sala de aula e quicá de muitos educadores.

O estudo é um recorte da dissertação de mestrado defendida na Universidade Federal do Tocantins, em 2018. O estudo apresentado em forma de artigo teve por objetivo geral discutir o ensino de história praticado em quatro escolas da rede estadual de ensino do Tocantins, os objetivos específicos, que respondem os subitens deste estudo: Discutir a história ensinada com base nos autores que tratam do ensino de história; Apresentar a interpretação de estudantes e professores sobre o ensino de história/história ensinada.

A pesquisa foi realizada em quatro escolas situadas em Palmas - Tocantins, em turma do 9º ano do Ensino Fundamental, que são: Escola Estadual Vale do Sol, Instituto Presbiteriano Educacional e Social, Escola Girassol de Tempo Integral Vila União e o Colégio Estadual Dom Alano Mary Du Noday, todas localizadas na cidade de Palmas, capital do estado do Tocantins, região amazônica.

Dentro do método da história oral temática, a pesquisa é de natureza aplicada e, do ponto de vista dos objetivos, é exploratória. A história oral não amordaça e não coloca numa forma, ela amplia as possibilidades, abre portas e janelas para diversas interpretações das histórias vividas, seja no individual ou no coletivo. “A história oral se apresenta como uma forma do fazer histórico” (CRUZ, 2005, p.2). A pesquisa exploratória possui um planejamento flexível sob diversos aspectos, incorporando-se ao método (PRODANOV, 2013).

Do ponto de vista técnico, foi realizada pesquisa bibliográfica, documental e de campo; na pesquisa documental foram utilizados os documentos primários (aqueles que ainda não receberam o tratamento). Do ponto de vista da forma de abordagem, a pesquisa foi qualitativa, seguindo a abordagem de Prodanov (2013), quando afirma que o pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo, necessitando de um trabalho intensivo de campo. Na coleta de dados, além das análises dos documentos foram entrevistados 05(cinco) professores e 12(doze) estudantes do 9º (nono) ano do ensino fundamental.

A metodologia da história oral temática subsidiou o percurso da pesquisa na elaboração do projeto, seleção dos sujeitos, autorizações, diálogo com os possíveis entrevistados, esclarecimentos sobre a pesquisa, agendamento com os pesquisados, utilização de roteiro da entrevista, de gravação, aprovação da entrevista e assinatura do termo de aprovação pelo entrevistado. Só após todos estes cuidados éticos, utiliza-se os dados coletados (MEIHY, 1996; PORTELLI, 1997; ALBERTI, 2004, 2005; CRUZ, 2005; MONTYSUMA, 2006).

O projeto de pesquisa da dissertação foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade Federal do Tocantins por meio da Plataforma Brasil, e aprovada pelo Parecer nº 2.442484. A Secretaria Estadual de Educação não somente autorizou a pesquisa, como também autorizou os diretores das referidas unidades escolares a desenvolvê-la. Os professores e os pais dos estudantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e os estudantes o Termo de Assentimento.

Faz-se necessário destacar que a entrevistas foram realizadas em 2016 e 2017, pois ocorreu uma greve da classe trabalhadora e houve a necessidade de suspender as entrevistas, e a dissertação foi defendida em 2018.

A História ensinada

Professores, pesquisadores e estudantes têm discutido o ensino de história no Brasil com o objetivo de melhorar a prática pedagógica em sala de aula. Segundo Souza e Pires (2010), durante o período colonial no Brasil a educação era de responsabilidade da Igreja, restrita e ligada às ideias religiosas. A história ensinada baseava-se na história bíblica ou historiográfica, tornando-a uma “matéria encarregada de ajudar na catequese e na formação de uma moral católica” (SOUZA, PIRES, 2010, p. 01).

A história como disciplina escolar no século XIX surge com a produção dos manuais escolares. Segundo Alves e Centeno (2009), o Colégio Pedro II, fundado em 02 de dezembro de 1837, torna-se referência na produção e uso dos manuais. O primeiro manual utilizado no referido colégio, *Resumo de história do Brasil até 1828*, resultou de uma tradução com dados ampliados, sendo utilizado pelo Colégio Pedro II a partir de 1841, com autorização do ministro do Império Antônio Carlos de Andrada. Segundo consta no Portal do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) foi criado em 1929. O Programa passou por diversas reformulações e adequações e as escolas públicas, atualmente, recebem o Livro Didático (LD) a cada dois anos, cuja escolha dos títulos é feita pelos professores nas escolas, outra reformulação deverá ser efetuada atendendo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

A história ensinada é apoiada por um referencial que orienta os professores para ministrarem os conteúdos de cada série/ciclo/ano. Neste sentido, apontar as leis, e no caso do Brasil, os livros didáticos ofertados às escolas públicas, torna-se parte fundamental para entender a história ensinada, considerando condicionantes e referenciais para a sua execução. Segundo Miranda (2007, p. 76), nos anos 90 as discussões a respeito da história ensinada atribuíram “uma grande ênfase nos movimentos de revitalização e valorização da memória e das histórias local, graças à vitalidade dos estudos da chamada história cultural”.

Do mesmo modo, a história ensinada tem *história da história ensinada*, leis, materiais pedagógicos, escolas, estudantes e os professores. Todavia, o que o professor precisa dominar dentro de sua formação, para realmente conseguir realizar o processo de ensino, para que ocorra a aprendizagem e o sucesso do aluno na escola? Miranda (2007) afirma que a formação do professor na área de atuação é de suma importância para que ele possa dominar o saber histórico. Assim, o professor em sua prática pedagógica movimenta inúmeros saberes, chamado por Tardif (2012) de saberes docentes. Esses saberes seriam os saberes da formação profissional, os saberes disciplinares, os curriculares e os da experiência. Tardif (2012) considera que o professor ideal é alguém que deve conhecer a sua matéria, sua disciplina e seu programa, além de possuir certos conhecimentos relativos às ciências da educação e à pedagogia.

Desta forma, o professor que domina os saberes docentes, conhece sua área de atuação, os conteúdos e referencial que irá orientá-lo na prática das metodologias de ensino, pode ensinar com sucesso. Segundo Schmidt e Cainelli (2004, p.30), “é na sala de aula que se realiza um espetáculo cheio de vida e sobressaltos”. Realmente, se o professor domina os saberes docentes, há uma produção de espetáculo de aprendizagem e de ensino na sala de aula. Sendo assim, o professor de história auxilia o estudante a instrumentalizar-se para aprender a pensar historicamente (BITTENCOURT, 2009).

Conforme destaca Schmidt e Cainelli (2004), a sala de aula é o espaço onde se realiza a relação de interlocução entre professor e aluno; é também, local onde desembocam as tensões dessa relação, bem como, o fazer da teoria e da prática dentro do processo de ensino. Ao utilizar o termo “sala de aula” Masetto (2003, p.85), define “a aula é o espaço e o tempo no qual e durante o qual os sujeitos do processo de aprendizagem (professor e alunos) se encontram para juntos realizarem uma série de ações [...]”. Sendo assim, na aula o professor deve desenvolver o papel de mediador da aprendizagem, deve valorizar os estudantes como sujeitos do processo de crescimento e aprendizagem, deve trocar e discutir experiências, dar segurança aos estudantes neste espaço de criação, estar aberto para as críticas e as análises, saber ouvir e saber falar, compreendendo que ambos fazem parte dessa construção em ensinar e aprender. É desta forma que se evidencia a transposição didática dentro da sala de aula.

E para que esta transposição didática seja eficiente e, conseqüentemente ocorra a articulação dos elementos constitutivos do saber histórico com o fazer pedagógico, exige-se não só o conhecimento, mas a aplicação das técnicas de ensino, dos recursos didáticos, assim como a escolha das estratégias de ensino adequadas para cada conteúdo a ser abordado (SCHMIDT, CAINELLI, 2004; MIRANDA, 2007; BITTENCOURT, 2009). “O objetivo é fazer o conhecimento histórico ser ensinado de tal forma a dar condições ao estudante de participar do processo do fazer, do contar e do narrar à história” (SCHMIDT, CAINELLI, 2004, p. 32).

No intuito de atingir este objetivo quanto ao melhor método de ensinar história, as autoras sugerem três situações:

Recusar, exaustivamente, a erudição em prol de uma recomposição didática fundamentada na escolha de saberes e do saber-fazer essenciais, de documentos esclarecedores e de problemáticas pertinentes; Colocar o aluno, o mais possível, em situações em que ele seja participante da construção de seus saberes, pois o professor, hoje, não mais dá aula à classe, mas baseado nela e com ela; Transmitir, compaixão e competência, o interesse por uma matéria indispensável à formação de um cidadão esclarecido (SCHMIDT; CAINELLI, 2004, p. 34).

As situações acima mencionadas são relevantes no processo de ensino e aprendizagem do ensino de história, pois, a partir da solução de determinados problemas, é possível despertar o interesse do estudante pela busca de respostas para a problemática. O professor, enquanto orientador desse estudo, dessa busca, coloca o estudante num patamar de pesquisador, valorando seu papel de estudante. Sem dúvida nenhuma, história é uma ciência que deve formar um cidadão consciente de seu papel na sociedade (NADAI, 1993; MIRANDA, 2007; ZAMBONI, 2007; BITTENCOURT, 2009; SILVA, 2013).

Sob esta ótica, Miranda (2007) e Bittencourt (2009) afirmam que o historiador professor deve reinterpretar a história à luz de diferentes evidências, pensando historicamente, facilitando a aprendizagem da história ensinada. No sentido de facilitar o aprendizado, Schmidt e Cainelli (2004, p.52) assinalam que “para a construção da problemática, é importante levar em consideração o saber histórico já produzido e, também, outras formas de saberes, como aqueles difundidos pelos meios de comunicação”. Para estas autoras, o fato de se perguntar “por que?”, “como?” e “onde?” não significa construir problemáticas, mas a indispensável edificação de hipóteses, fazendo o estudante ir mais longe, desvelar segredos que envolvem o passado e restaurar, por meio do saber histórico e das fontes documentais, a relação entre o seu presente e o passado.

Dessa maneira, cabe ao educador contextualizar a problemática, relacioná-la com a situação vivida pelo estudante e com o conhecimento histórico já produzido, fundando possibilidades de entendimento do passado (THEODORO, 2008; BITTENCOURT, 2009). Para que esse entendimento seja facilitado, diversos autores (SCHMIDT, CAINELLI, 2004; PINSKY, PINSKY, 2008; BEZERRA, 2008; BITTENCOURT, 2009) apontam para o trabalho do professor na construção dos conceitos históricos.

Para tanto, vale ressaltar a importância de se levar em consideração o conhecimento que o estudante traz e as representações sociais do mundo em que vive. A partir do conhecimento adquirido pelo estudante, com as discussões do professor, novas análises serão efetivadas, construindo-se outros conhecimentos. “Os conceitos podem ser considerados possibilidades cognitivas que os indivíduos têm na memória disponíveis para os arranjos que mobilizem, de forma conveniente, suas capacidades informativas e combinatórias” (SCHMIDT, CAINELLI, 2004, p. 62).

Desta forma, a história ensinada nas quatro escolas da rede estadual de ensino na cidade de Palmas, estado do Tocantins, onde foram realizadas as pesquisas de campo em 2016 e 2017 apontam para professores que utilizam o Livro Didático nas aulas de história, uma vez que

é o material pedagógico em maior abundância nas unidades de ensino da rede estadual. Os professores pesquisados utilizam de metodologias inovadoras no ensino de história, propõem ações pedagógicas de pesquisa, interpretação teatral, passeios com produções históricas, histórias de vidas correlacionadas aos conteúdos, produção de vídeos, jogos pedagógicos, dentre outros. Dentre os estudantes pesquisados afirmaram gostar e valorar a disciplina de história, bem como o papel do professor na condução das discussões e orientações pedagógicas (MA-CEDO, 2018).

De maneira geral, dentre os autores que discutem a história ensinada, apontam para uma história que traz as reflexões de vida para os estudantes, mesmo utilizando o Livro Didático como base, torna a disciplina interessante para os estudantes, são os pontos que serão discutidos nas narrativas a seguir.

Narrativas de professores e estudantes sobre o ensino de história

Ao narrar uma história, uma notícia, um romance, o narrador impregna de verdades suas narrativas, e nesse narrar, percebe-se as nuances de quem narra e sua interpretação dos fatos, sua análise e visão de mundo. Assim se fez e se faz a história, com homens e mulheres sendo narradores e agentes dos acontecimentos e dos fatos históricos. A presente pesquisa tem a finalidade de narrar às vivências dos professores e estudantes na prática do ensino de história. Segundo Ricoeur (2010), o historiador assume que narra, articulando coerentemente com as representações históricas, figuras e argumentos retóricos e enunciados científicos, percebe-se que essa articulação faz da historiografia, uma intensa intervenção.

As narrativas do ensino de história, descritas por professores e estudantes, pretendem trazer as experiências e as vivências em uma relação direta com o objeto em estudo, o ensino de história.

Sob esse aspecto, a docente Luz Oliveira (2016) assim se expressa: “compreendo que, tendo o conhecimento ofertado pela disciplina de história, o aluno terá uma visão mais ampla do seu cotidiano. Ele terá também um olhar mais crítico”. Santos (2017) afirma que “o ensino de história tem o papel de conscientizar os alunos a respeito de seus direitos e deveres, tornarem-se críticos e formar cidadãos capazes de olhar para o futuro”. O professor Caetano (2017) concorda que a disciplina de história tem significados para a vida dos alunos, pois, segundo ele, “a história é uma disciplina que consegue caminhar com todas as ciências”, por isso, traz significados dentro do estudo das demais áreas do conhecimento.

Na opinião de Silva (2017), “a história é uma forma de atualizar os alunos, conhecer as suas raízes, sua história, saber como seus pais e antepassados viveram, a história é uma formação de vida”. No relato de Barbosa (2017) ela afirma que “por meio das aulas de história, o aluno pode tornar-se mais crítico, pois analisa a sociedade em que vive”.

Nesse sentido, as colocações de Fonseca (2011, p.21) são abarcadas pelos professores de história em suas falas, quando a autora afirma que “a história, campo de conhecimento” é uma disciplina que traz uma bagagem, apontando para os estudantes sua posição no mundo. Zamboni (2010) traz também reflexões sobre o ensino de história, contidas nos relatos dos professores, afirmando que este oportuniza a formação da consciência histórica construído nas relações humanas, nas questões da vida cotidiana, na dimensão temporal, repleta de sensibilidade e emoção. Assim como também são citadas, as contribuições que o ensino de história traz para a construção da identidade e o pensamento crítico do aluno, como apontado/discutido por Bittencourt (2009, p.121) em que o ensino de história “relaciona-se à sua contribuição na constituição das identidades”, promovendo a formação de “um cidadão crítico”.

Na contínua reflexão sobre o ensino de história, ao serem questionados sobre métodos de ensino, respondem como ministram suas aulas. Mesmo que a metodologia utilizada nas aulas de história, represente a utilização do método nas atividades desenvolvidas, não explicitam sobre o método conforme o Referencial. O documento assume que a abordagem “fundamenta-se na teoria sociointeracionista, defendida por Vygotsky, na qual o homem desenvolve ou constrói seu conhecimento através da interação dialética com o seu meio sócio-histórico-cultural” (REFERENCIAL CURRICULAR, 2009, p.21).

Com a finalidade de ampliar as explicitações contidas no Referencial sobre o método, Fossile (2010) descreve que a aprendizagem se amplia por meio do intercâmbio entre o aluno e o meio. Para que essa interação aconteça é preciso que o professor: observe o que estimula o estudante à aprendizagem; que cada conhecimento adquirido, serve de base para o próximo conhecimento; selecione atividades correspondentes à cognição do estudante; incentive a criança à interação social na busca de novos conhecimentos e incentive o uso da linguagem. No entanto, os professores pesquisados, podem não explicitar claramente sobre o sociointeracionismo, mas atendem as colocações de Fossile (2010) e desenvolvem aulas diferenciadas.

Nas falas dos professores pode-se observar a utilização de outros recursos além do livro didático, a busca no envolvimento dos alunos nas práticas pedagógicas no ensino de história, a contextualização, sugestões de leituras, utilização de outras mídias, novas estratégias de ensino e instrumentos de avaliação. A seguir ilustra-se com a fala da professora Barbosa.

Eu me acho um pouco tradicional. Eu gosto muito do método renovado, mas quando vamos para a prática e com a clientela que tenho na escola, a gente esquece e acha fortalecimento no método tradicional. Eu levo um vídeo ou passo um conteúdo para pesquisar na internet, e a maioria dos alunos tem internet no celular, mas só usam para as redes sociais, eu já cansei, não vou mais planejar nada neste foco (BARBOSA, 2017).

Contrapondo tais itens, observam-se as dificuldades que os estudantes têm em leitura, a utilização do celular em sala de aula para fins não pedagógicos. Nesse caso, a gestão pedagógica da escola poderia resolver a problemática com a aplicação de regras claras e construídas coletivamente. A professora Barbosa (2016) aponta o insucesso ao sair do método tradicional, atribuindo-o à indisciplina e ao desinteresse dos alunos; cabe aqui uma ação conjunta entre pais, professores e coordenadores pedagógicos para a solução do problema. Bittencourt (2009, p.225) afirma que “um dos vilões do ensino de história parece ser o método tradicional, termo usual entre os docentes e os pesquisadores do ensino, criticado desde o fim do século XIX, aquele que conduz o aluno a aprender de cor os conteúdos”.

O professor Silva (2017) sugere para a melhoria do ensino de história, “estrutura adequada nas escolas, laboratório de história; com o laboratório, os alunos entenderiam que a história não é só um assunto do passado”. A colocação do professor vem ao encontro dos estudos realizados pelos autores Lia e colaboradores (2015), afirmando que os laboratórios de ensino de história oportunizam a produção de material didático pedagógico, ofertam consultorias e são espaços abertos à comunidade, são núcleos de pesquisas que preparam os acadêmicos de história (LIA; COSTA; GIOCOMONI; CAGLIARI; PEREIRA, 2015).

Os laboratórios podem servir de suporte para a formação de professores de história, e a produção de material de apoio para a prática em sala de aula da educação básica (SILVA 2017).

No entanto, há ações exitosas realizadas em escolas da rede pública no Tocantins, pode-se destacar uma prática realizada na educação básica, em Gurupi, Tocantins. A Escola Estadual Presidente Costa e Silva desenvolveu, por vários anos, as salas ambientes, um dos pontos significativos para a escola ganhar o prêmio Nacional de Referência em Gestão Escolar/2010. Menezes e Santos (2001), esclarecem que o objetivo é fazer com que os estudantes manipulem o maior número de recursos materiais e pedagógicos mesmo com a permanência dos professores nas salas; os alunos alternam as salas conforme os horários. Tal organização tornam as aulas mais ricas e amplia o tempo de aula, uma vez que os materiais estão dentro das salas e disponíveis a qualquer tempo, da mesma forma requer maior planejamento das ações pedagógicas.

A sala ambiente na escola é uma estratégia interessante e pedagogicamente eficaz, mas são necessários recursos financeiros e parcerias para garantir a qualidade do trabalho. Segundo a professora Luz Oliveira (2016) “falta recursos tecnológicos na escola, fala-se tanto em tecnologia, mas ainda nos falta muito. Há computadores, mas não são modernos, são antigos, e quando estão com defeitos não tem recurso para o conserto”.

Os professores reivindicam não só melhorias técnicas para o processo de ensino e aprendizagem de história, mas maior envolvimento dos pais, da equipe pedagógica e também oferecimento de formação continuada pelo governo estadual.

Ao conhecer as narrativas dos professores, pode-se compreender que mesmos destacando alguns entraves da profissão, tais como salários, a necessidade de melhoria na estrutura das escolas, escassez de material de apoio pedagógico e formação continuada, demonstram que gostam da profissão e sentem-se realizados por auxiliar os estudantes a enxergarem o mundo numa outra perspectiva.

As narrativas dos estudantes

Foram entrevistados estudantes de quatro escolas públicas da cidade de Palmas. Ser estudante é abrir-se para absorver as informações e orientações, transformando-as em conhecimento. O estudante na sociedade, está envolto em inúmeros espaços de aprendizagem e a escola é um espaço formal onde se promove, fortalece, vivencia aprendizagens. A história oral, que ouve e dá voz aos seus partícipes, ouviu doze estudantes do 9º ano do ensino fundamental de quatro escolas públicas, situadas em Palmas, Tocantins. E com a curiosidade nata dos adolescentes, participaram deste desvelar do ensino por meio do “olhar” do estudante. Alguns, aparentavam-se descontraídos, demonstravam sentir-se bem na entrevista, falavam, riam, divertiram-se, outros aparentavam-se tímidos, alguns falavam apenas o necessário. No entanto, expressaram sem medo, o que pensavam e o que sentiam, bem como, o que entendiam e o que viviam concernentes ao ensino de história. Buscou-se manter a originalidade da fala dos estudantes, realizando apenas adequações na transcrição, quanto às normas da língua portuguesa. A seguir, busca-se revelar as vozes desses alunos pesquisados.

Seguindo o roteiro da entrevista, questionou-se aos estudantes se eles gostavam da disciplina de história, a maioria afirmou ter afinidade com as disciplinas da área de humanas, sendo história a disciplina que se destacou entre os entrevistados. Os estudantes Oliveira (2016) e Souza (2017) expressam, respectivamente, seus sentimentos em relação à disciplina e o atendimento pedagógico ofertado pelos educadores: “Gosto de história, a professora explica muito bem, a gente tem dificuldade de entender por causa da bagunça dos meninos, ela passa atividades, a professora ajuda quando tem alguém com dificuldades”. “Sim é uma das disciplinas que mais gosto, a gente volta no passado e vivencia aquele tempo, em especial com o nosso professor Gonçalo”. Os estudantes trazem uma explicação sobre o motivo pelo qual acham a disciplina tão instigadora: “Gosto muito. É uma disciplina que considero fácil de entender” (CASTRO, 2016); “História é a minha preferida. Eu gosto, pois posso saber da vivência dos meus antepassados” (COELHO, 2017); “Sim, gosto um pouco de tudo” (RODRIGUES, 2017); “Gosto muito da disciplina de história” (MATOS, 2017); “Sim, conhecemos a vida das pessoas e os fatos passados” (MORAIS, 2017).; “Sim gosto. Estou um pouco contrariado, pois trocou de professor” (FERNANDES, 2017); “História é a segunda disciplina que mais gosto, a outra é matemática” (ROSÁRIO, 2016); “Sim gosto. Eu queria ser professora de história” (MARQUES, 2017); “Gosto muito é muito importante conhecer a História” (NOGUEIRA, 2017); “Sim, gosto da disciplina e dos conteúdos e o ser humano deixa vestígios da sua história por onde o homem passou, aí os historiadores fazem justamente isso, onde estão os vestígios de início daquilo, formando uma ideia do que aconteceu ali, como, quando, isso é muito interessante” (CARVALHO, 2017).

Quando o estudante destaca que o homem deixa vestígios, pode-se concluir que o mesmo se vê como agente desta história, que ele e seus colegas estão também construindo (PINSKY; PINSKY, 2008). Nesse sentido, Schmidt (2008) afirma que na sala de aula realiza-se o espetáculo cheio de vida e de sobressaltos, sendo cada aula uma aula em especial, e acrescenta ainda que o professor de história é alguém que traz novidades do passado e da memória, possibilitando um novo conhecimento aos estudantes.

A realidade destacada por Schmidt (2008) é também relatada nas falas dos alunos, em seus apontamentos sobre o ensino de história. A estudante Oliveira (2016) afirma: “Sim, gosto muito da disciplina de história. Ela faz a gente viajar no tempo em que a gente não viveu”.

“Com a história podemos dizer que passamos a conhecer o mundo e as teorias. A história está em todas as disciplinas” (FERNANDES, 2017). Quando o estudante avulta que a História está em todas as disciplinas, pode ser compreendido também, como uma visão interdisciplinar em relação à abrangência de história. Bittencourt (2009) trata da questão da interdisciplinaridade no ensino de história, apontando que a história “possibilite ao aluno uma compreensão do mundo em sua complexidade e com suas articulações inerentes, entre a vida social e a natureza física, biológica, química, etc.” (BITTENCOURT, 2009, p.255).

As vivências dos estudantes com o ensino de história oportunizam um olhar dinâmico para o ensino da disciplina. Um aspecto fundamental é a relação de afeto que o professor estabelece com os alunos, bem como uma relação de confiança. Quando o estudante afirma que o ensino de história faz com que ele entenda melhor o mundo, traz um fator de criticidade ao ensino dos conteúdos de história. Da mesma forma, desenvolve a capacidade de conhecer a vivência dos antepassados, outros povos e culturas. De maneira geral, há um trabalho interdisciplinar sendo desenvolvido nas escolas dentro do ensino de história.

Um dos questionamentos contidos no roteiro da entrevista refere-se ao ensino de história, ou seja, se o estudante se sente sujeito da história ensinada na sala de aula. E os estudantes destacam: “Eu sinto presente quando fala mais da história do Brasil, pois fez parte de nossa história”; “Na verdade a gente tenta imaginar como parte integrante” (CARVALHO, 2017); “Sim, conhecemos a vida das pessoas e suas comunidades” (NOGUEIRO, 2017); “Não sei, às vezes eu penso como seria se eu estivesse naquele acontecimento histórico” (COELHO, 2017); “Sim, sinto-me parte deste momento vivido na história” (MATOS, 2017); “Sim, faz parte de nossa vivência histórica” (MARQUES, 2017); “Sim, pois nossos familiares e avós passaram por muitas coisas, a história aponta isto e hoje fazemos a história também” (MORAIS, 2017); “Não, não compreendo assim” (RODRIGUES, 2017); “Sim, a cada dia nós vamos construindo uma história, a nossa própria história. Por exemplo, a gente vê como era nos anos 80, e hoje mudou muita coisa. Daqui uns anos será a nossa história que será contada nos livros” (ROSÁRIO, 2016).

Os destaques anteriores podem apontar que a maioria dos estudantes se sente parte da história ensinada na sala de aula.

Foram entrevistados doze estudantes, e destes, apenas dois alunos não gostam da disciplina de história, preferem outras e destacam também a necessidade de muita leitura, sendo um fator primordial de desinteresse pela disciplina.

De maneira geral, os estudantes possuem afinidade com o ensino da disciplina de história, consideram a disciplina importante para compreender o mundo e auxilia na compreensão de outras áreas do conhecimento. A maioria sente-se agente da história ensinada, sente-se parte dela. Nesse sentido, o ensino de história, por meio do trabalho dos professores, na maioria das escolas pesquisadas, apesar das dificuldades de leitura e escrita dos estudantes, a história cumpre o seu papel. Segundo Fonseca (2003), é por intermédio do ensino de história que se objetiva a reconstrução da passagem de libertação do homem de súdito para cidadão, sendo estes os passos iniciais desta reconstrução, o ensino de história buscando eliminar barreiras em busca da paz.

Os estudantes entrevistados da Escola Estadual Vale do Sol, de forma sucinta, apontam que o ensino de história no seu dia a dia é muito importante e destacam: “Sim, tudo que ocorre na vida é história” (CASTRO, 2016); “é importante para meu conhecimento” (FERNANDES, 2017); “sim, a história está em tudo” (ROSÁRIO, 2016).

Na Escola IPES, os estudantes com uma visão mais ampliada do ensino assim se expressaram: “O conhecimento da disciplina me ajuda em tudo” (COELHO, 2017); “é preciso conhecer a história de seu país e outras culturas. Você não irá conhecer outras coisas dentro e fora de seu país se você não estudasse outras culturas, outras religiões, e isto a gente conhece em história, eu penso que é muito importante” (CARVALHO, 2017); “sim, especialmente em história, serve para a vida toda” (OLIVEIRA, 2017).

Na Escola de Tempo Integral Vila União os estudantes possuem afinidade com a disciplina de história e destacam: “Sim compreendo os conteúdos, leio muito, penso que isto ajuda” (NOGUEIRO, 2017); a estudante Marques (2017) ressalta que desejou ser professora de História, mas vivenciando a falta de valorização dos profissionais, desistiu da profissão, mas

a disciplina é uma de suas preferidas. Matos (2017) gosta da disciplina e sente-se parte da história estudada na escola.

Os estudantes do Colégio Estadual Dom Alano Marie du Noday foram unânimes ao afirmarem que a disciplina amplia a visão dos estudantes para as outras áreas do conhecimento. “A disciplina é ótima, gosto dos conteúdos mais antigos” (MORAIS, 2017); “Gosto de tudo na disciplina de história, o período antigo é mais instigador” (SOUZA, 2017); “As aulas são muito boas e dinâmicas e o professor nunca falta às aulas” (RODRIGUES, 2017).

Os estudantes enxergam no ensino de história uma porta aberta para o mundo, no sentido de conhecer, aprender, entender as razões, a história para eles é um evento, como afirma Wayne (1998, p. 17) “eventos reais que tem o homem como ator”.

Considerações Finais

Para conhecer sobre o ensino de história em escolas da rede pública estadual de ensino de Palmas, o estudo teve como foco o ensino ministrado em turmas do 9º ano do ensino fundamental em quatro escolas da rede estadual de ensino.

O estudo apresentado em forma de artigo teve por objetivo geral discutir o ensino de história praticado em quatro escolas da rede estadual de ensino do Tocantins. Os objetivos específicos, que respondem os subitens deste estudo: discutir a história ensinada com base nos autores que tratam do ensino de história; e apresentar a interpretação de estudantes e professores sobre o ensino de história.

Com base nos diálogos com os autores sobre a história ensinada, cabe destacar que os historiadores trazem a história da história, no entanto, Bittencourt (2009) destaca a disciplina escolar e discute o futuro da disciplina e seu papel na sociedade, afirmando que a disciplina de história foi e é permeada por conflitos na produção dos conteúdos e métodos. Além disso, a autora traz em sua obra as discussões em torno da história, do papel do professor e dos estudantes, bem como a complexidade e possibilidades dentro do ensino de história.

Sendo o papel do professor o de orientar os estudantes na reflexão histórica e o papel do estudante o de análise e comparação dos fatos históricos, o ensino de história objetiva formar cidadãos críticos no seu tempo e espaço. Uma vez que a história é mestra de todas as outras ciências, traz a história da história e permeia todas as demais áreas do conhecimento, ocasiona experiência para entender e superar as dificuldades das sociedades futuras. Bittencourt (2009) acrescenta que o ensino de história deve dar condições para que os estudantes desenvolvam a capacidade de descrever, comparar, analisar, identificar semelhanças e diferenças entre o ontem e o hoje de uma sociedade moderna e globalizada.

A história ensinada nas escolas da rede estadual de Palmas é um estudo que focalizou a valorização do homem enquanto agente de sua história. E que a história ensinada apresenta-se de forma interdisciplinar. Percebe-se pelos depoimentos dos alunos que a disciplina de história auxilia na sua formação crítica, pois conseguem mensurar as necessidades do ensino, da escola e da educação, valoram o papel do professor, deixam mensagens de lutas por dias melhores e de busca por uma educação de qualidade.

Segundo os estudantes a disciplina de história é uma porta aberta para outros conhecimentos, traz inovação, compreensão do todo, é dinâmica, pode-se afirmar que a maioria dos estudantes entrevistados possui afinidades com a história ensinada e com a forma dos professores desenvolverem o processo de ensino e aprendizagem.

Entrevistados

Professores:

BARBOSA, Rosilene Ribeiro Gomes. Professora efetiva da rede estadual de ensino, sempre atuou como docente desde a educação infantil, graduada em História pela UFT/Porto Nacional. **Entrevista concedida a Maria de Lourdes L. Macedo.** Palmas, TO. Fevereiro de 2017.

CAETANO, Marlon Ladeia. Professor temporário da rede estadual de ensino, atuava na

profissão de cabeleireiro, graduação recente em História pela UFT/Porto Nacional. **Entrevista concedida a Maria de Lourdes L. Macedo.** Palmas, TO. Fevereiro de 2017.

LUZ OLIVEIRA, Iraildes Alves. Sempre atuou como professora, graduada em História em história pela UNITINS, professora efetiva da rede estadual de ensino, e graduada em direito. **Entrevista concedida a Maria de Lourdes L. Macedo.** Palmas - TO, novembro de 2016.

SANTOS, Vilson Pereira dos. Graduado em história pela UFT, Pedagogia pela Universidade de São Marcos, Mestre em Educação pela Católica de Goiás, professor efetivo da rede estadual de ensino. **Entrevista concedida a Maria de Lourdes L. Macedo.** Palmas, TO. Abril de 2017.

SILVA, José Gonçalo Mendes da. Professor efetivo da rede estadual de ensino, e também atua na rede particular de ensino, graduado em História e em Artes pela UFT/TO. **Entrevista concedida a Maria de Lourdes L. Macedo.** Palmas, TO. Abril de 2017.

Estudantes:

CARVALHO, Camila Gabriela dos Santos. Nascida em 02/05/2001, estuda no Instituto Presbiteriano Educacional – IPÊS há sete anos, sua mãe Simone Barbosa dos Santos Carvalho assinou o

TCLE. **Entrevista concedida a Maria de Lourdes L. Macedo.** Palmas, TO. Janeiro de 2017.

CASTRO, Grasielle Ribeiro de. Nascida em 28/08/2000, estuda na Escola E. Vale do Sol há dois anos, sua mãe Glauca Ribeiro dos Santos, assinou o TCLE. **Entrevista concedida a Maria de Lourdes L. Macedo.** Palmas, TO. Dezembro de 2016.

COELHO, Ana Vitória Freire. Nascida em 06/09/2001, estuda no Instituto Presbiteriano-IPÊS há oito anos, sua mãe Maria Adjanira Freire assinou o TCLE. **Entrevista concedida a Maria de Lourdes L. Macedo.** Palmas, TO. Janeiro de 2017.

FERNANDES, Gabriel Oliveira Fernandes. Nascido em 19/09/2000, estuda na Escola E. Vale do Sol há quatro anos, sua mãe Maria de Jesus Oliveira Fernandes assinou o TCLE. **Entrevista concedida a Maria de Lourdes L. Macedo.** Palmas, TO. Dezembro de 2017.

MARQUES, Beatriz. Nascida em 23/11/2002, estuda na Escola E. vila União há sete anos, sua mãe Maria Neseli Marques Matias assinou o TCLE. **Entrevista concedida a Maria de Lourdes L. Macedo.** Palmas, TO. Fevereiro de 2017.

MATOS, Fernanda. Nascida em 29/06/2002 estuda há cinco anos na Escola E. Vila União, sua mãe Marinês C. Matos, assinou o TCLE. **Entrevista concedida a Maria de Lourdes L. Macedo.** Palmas, TO. Fevereiro de 2017.

MORAIS, Ana Alice Nascimento. Nascida em 21/02/2003, estuda no Colégio Marie Du Noday há dois anos, sua mãe Cleudiane Nascimento Moraes assinou o TCLE. **Entrevista concedida a Maria de Lourdes L. Macedo.** Palmas, TO. Fevereiro de 2017.

NOGUEIRO, Gabriela de Assis. Nascida em 16/11/2002 estuda na Escola Vila União há nove anos, sua mãe Almerinda Ribeiro de Assis, assinou o TCLE. **Entrevista concedida a Maria de Lourdes L. Macedo.** Palmas, TO. Fevereiro de 2017.

OLIVEIRA, Laura Rufo Soares de. Nascida em 26/06/2002, estuda no Instituto Presbiteriano Educacional – IPÊS há nove anos, sua mãe Maria Lucilia de Souza Soares Oliveira assinou o TCLE. **Entrevista concedida a Maria de Lourdes L. Macedo.** Palmas, TO. Janeiro de 2016.

RODRIGUES, Bárbara Letícia Batista. Nascida em 06/03/2003, estuda no Colégio Marie Du Noday há um ano, sua mãe Quênia Aparecida Batista assinou o TCLE. **Entrevista concedida a Maria de Lourdes L. Macedo.** Palmas, TO. Fevereiro de 2017.

SOUZA, Janyton Pereira de. Nascido em 01/05/2003, estuda no Colégio Dom Alano Marie Du Noday há sete anos, seu pai Janailton Sena de Souza assinou o TCLE. **Entrevista concedida a Maria de Lourdes L. Macedo.** Palmas, TO. Fevereiro de 2017.

ROSÁRIO, Guilherme da Silva. Nascido em 16/09/2002, estuda na Escola E. Vale do Sol há três anos, sua mãe Lucilene Jardim da Silva Rosário assinou o TCLE. **Entrevista concedida a Maria de Lourdes L. Macedo.** Palmas, TO. Dezembro de 2016.

Referências

ABUD, K. M. **Combates pelo ensino de história.** In: ARIAS, José Miguel Neto. (org.). Dez anos de pesquisas em ensino de história. Londrina: AtritoArt, 2005.

ABUD, K. M. **Ensino de História.** (Coleção Ideias em Ação) São Paulo: Cengage Learning, 2010.

ALVES, G. L.; CENTENO, C. V. A produção de manuais didáticos de história no Brasil: remontando ao século XIX e início do século XX. **Revista Brasileira de Educação.** v.14, n. 42, 2009.

ALVES, L. A. M. **A história local como estratégia para o ensino de história.** Universidade de Porto. 2014. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/8786>. Acesso em: 05 jul. 2017.

BEZERRA, H. G. Ensino de história: conteúdos e conceitos básicos. In: KARNAL, Leandro (org.) **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas.** 5.ed., São Paulo: Contexto, 2008.

BITTENCOURT, C. **Ensino de História: fundamentos e métodos.** São Paulo: Cortez, 2009.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL/MEC/INEP. **Plano Nacional de Educação.** Proposta do Executivo ao Congresso Nacional. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 1998. Disponível em: <http://www.mec.to.gov.br>. Acesso em: 03 fev. 2019.

CAETANO, J. A. G. **O que dizem os professores sobre a disciplina de história: os cadernos didáticos no programa São Paulo faz escola (2009 – 2015).** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação Comunicação e Artes. Londrina - PR, 2016.

CANO, M. R. O; OLIVEIRA, R. S.; ALMEIDA, V. L.; FONSECA, V. A. **A reflexão e a prática no ensino-história.** São Paulo: Blucher, 2012.

CHERVEL A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria e Educação,** v. 02, n.02, 1990.

DUMBRA, C. N. P; ARRUDA, E. P. Museus interativos: interfaces entre o virtual e o ensino de história. **OPIS,** Catalão, v. 13, n. 1, p. 120-136 2013.

FONSECA, S. G. **Caminhos da história ensinada.** Campinas, SP: Papyrus, 1993.

FONSECA, S. G. **Didática e prática do ensino de história**: Experiências, reflexões e aprendizados. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

FONSECA, S. G.; COUTO, Regina Célia. A formação de professores de história no Brasil: perspectivas desafiadoras do nosso tempo. In: FONSECA, S. G. (Org.). **Espaços de formação do professor de história**. Campinas: Papyrus, 2008.

FONSECA, T. N. de L. e. **História e Ensino de História**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

FRANCO, A. P.; VENERA, Raquel A. S. Memórias e o ensino de História hoje: um desafio nos deslizamentos dos sentidos. In: ZAMBONI, E. **Digressões sobre o ensino de história: memória, história oral e razão histórica**. Itajaí: Editora Maria do Cais, 2007.

GIACOMONI, M. P. O professor que cativa: entre a narrativa da história e o cuidado de si. **OP SIS**, Catalão, v.15, n. 1, p. 179-196, Mar. 2016.

GONZALEZ, K. P. A nova proposta curricular do estado de São Paulo: inovações ou continuidades no ensino de história? **Interfaces da Educação**, Paranaíba, v.2, n.6, p.29-36, 2012.

GUIMARÃES, S. **Didática e Prática de Ensino de História**. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

HICKMANN, R. I.; ZEN, M. I. D.; XAVIER, M. L. M. de F. Intervenção compartilhada em uma sala de aula inclusiva: uma experiência metodológica no ensino de história. **Perspectiva**, vol.32, n.5, pp.999-1017, Abril, 2014.

JÚNIOR, A. F. da S.; RODRIGUES, F. C. de M. G. Histórias em quadrinhos e ensino de história: Olhares e práticas. Revista: **OP SIS**, Catalão, v. 13, n. 1, p. 66-82 - jan./jun. 2013.

LIA, C. F.; COSTA, J. P. da; GIACOMONI, M. P.; CAGLIARI, M. C.; PEREIRA, P. N. Laboratórios de ensino de História: refletindo e construindo com os professores. **OP SIS**, v.15, Catalão, Julio de 2015.

MACEDO, M. de L. L. **Memórias do ensino de História**: vozes de docentes e discentes das escolas estaduais de Palmas-Tocantins. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação). Orientadora: Jocyleia Santana dos Santos. Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Educação. Palmas-TO, 2018.

MAIA, T. **Os «outros» no ensino de história: a pluralidade cultural como representação da identidade nacional nos currículos escritos de história no Brasil**. CEM: Cultura, v.10, n.6, Espaço e Memória, Janeiro de 2015.

MARTINS, D. M.; JÚNIOR, J.B. B.; MARQUES, A.A; SILVA, N.M. A gamificação no ensino de história: o jogo "legend of zelda" na abordagem sobre medievalismo. **HOLOS**, vol.32(7), pp.299-321, 2016.

MASETTO, M. T. **Competência pedagógica do professor universitário**. São Paulo: Summus, 2003.

MIRANDA, S. R. **Sob o Signo da Memória**: Cultura escolar, saberes docentes e história ensinada. São Paulo:UNESP; juiz de Fora:EDUFJF, 2007.

MOREIRA, M. A. **Teorias da aprendizagem**. São Paulo: E. P. U, 1999.

NADAI, E. O ensino de história no Brasil: trajetória e perspectiva. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, vol. 13, nº 25/26, p. 143-162, set.1992 a ago. 1993.

NIKITIUK, S. M. L. **Repensando o Ensino de História**. São Paulo: Cortez, 1996.

PINSKY, J.; PINSKY, C. B. Por uma História prazerosa e consequente. In: KARNAL, L. (org.) **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2008.

RIBEIRO, M. L. S. **História da educação brasileira: a organização escolar**. São Paulo: Autores associados 2003.

ROCHA, U. Reconstruindo a História a partir do imaginário do aluno. In: NIKITIUK, S. M. L. **Repensando o Ensino de História**. São Paulo: Cortez, 1996.

ROMANELLI, O. de O. **História da Educação no Brasil (1930/1973)**. Universidade Federal de Minas, Petrópolis: Vozes, 2001.

SANTANA, J.; MEDEIROS, M. B. Marcas de resiliência: entre sociabilidades, sensibilidades e ensino de história. In: SANTANA, J.; APOLINÁRIO, J.; ROCHA, D.; ROLIM, C. (orgs.) **Resiliências Educativas**. Goiânia: Ed. América, 2013.

SARRAFF, L. R. B. Tempo, tempo, tempo: reflexões sobre o tempo histórico e o ensino de história. **Revista Mosáico**, v. 06, set, 2016.

SCHMIDT, M. A. História do ensino de história no Brasil: uma proposta de periodização. **Revista História da Educação-RHE**. v.16, n.37, Porto Alegre, Maio/agosto de 2012.

SCHMIDT, M. A.; CAINELLI, M. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004.

SILVA, C. G.; FIGUEIREDO, Vítor F. Os desafios da educação contemporânea: o ensino de história e o emprego das novas tecnologias. **OPSIS**, Catalão, v. 13, n. 1, p. 99-119 - jan./jun. 2013.

SILVA, N. L. da; FERREIRA, M. de M. Os caminhos da institucionalização do ensino superior de história. **História e Ensino**, Londrina, v. 2, n. 17, p. 283-306, jul./dez. 2011.

SOUZA, R. J. de; PIRES, R. F. Os desafios do ensino de História no Brasil. **Revista Professores em Formação**, ISEC/ISED n. 1, 2º semestre de 2010.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: 2012.

THEODORO, J. Educação para um mundo em transformação. In: KARNAL, L. (org.) **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2008.

VASCONCELLOS, J. A. **Metodologia do Ensino de História**. Curitiba: Ibpex, 2007.

VELASCO, D. B. **“Realidade do Aluno”, “Cidadão Crítico”, “Conhecimento Escolar”**: Que articulações possíveis no Currículo de História? Dissertação (Mestrado em Educação) Orientador Carmen Teresa Gabriel, UFRJ, Rio de Janeiro, 2013.

ZAMBONI, E. **Digressões sobre o ensino de história: memória, história oral e razão histórica**. Itajaí: Editora Maria do Cais, 2007.